

BARTHES, FOUCAULT E BAKHTIN: SOBRE A NOÇÃO DE AUTOR(IA)

Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento¹

Pedro Farias Francelino²

Resumo: Este trabalho analisa a noção de autor(ia) em Barthes, Foucault e Bakhtin. Para isso, faz uma leitura dos principais escritos desses estudiosos com o objetivo de estabelecer aproximações e distanciamentos no que diz respeito à temática em questão. Barthes declara a morte do autor, o que o coloca numa posição diferente da de Bakhtin. Mas ocorrem aproximações entre esses, por exemplo, na importância dada ao outro, ao leitor, na construção do sentido do texto; no fato de entenderem a construção do texto a partir do diálogo com outros textos. Fora os distanciamentos, Barthes e Foucault aproximam-se, por exemplo, na noção de morte. Para Barthes, o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do Autor. Já Foucault mostra que o sujeito faz o papel do morto no jogo da escrita. O diálogo entre Barthes, Bakhtin e Foucault evidencia as nuances da noção de autor(ia), bem como sua importância para compreender o funcionamento das diversas manifestações da linguagem.

Palavras-chave: Barthes, Foucault e Bakhtin. Autor(ia). Aproximações e distanciamentos. Diálogo.

INTRODUÇÃO

No campo dos estudos linguísticos, as questões envolvendo a subjetividade e o sujeito autor têm recebido tratamento de diferentes abordagens teóricas. Essas são amplas e tomam direcionamentos os mais diversos e até mesmo antagônicos, sem contar que a temática em questão recebe um tratamento significativo no campo dos estudos literários. No âmbito dos estudos linguísticos encontramos pelo menos duas perspectivas

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: ilderlandionascimento@yahoo.com.br

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco UFPE (2007). Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor Adjunto IV do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFPB. Vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB - PROLING. Professor do Curso de Letras Virtual da UFPB - Modalidade Ensino a Distância – EaD. E-mail: pedrofrancelino@yahoo.com

com contornos bem delimitados. A primeira diz respeito às teorias pragmático-comunicacionais, que postulam uma noção de sujeito como fonte e mestre do sentido, um sujeito cartesiano. A segunda compreende, em oposição à primeira, as teorias enunciativo-discursivas, as quais assumem pressupostos teóricos sociológicos e/ou psicanalíticos, postulam o sujeito como sendo clivado, cindido, heterogêneo, atravessado pelo discurso do O/outro e pelo inconsciente. Além disso, essa última perspectiva entende o sujeito como sendo constituído a partir da relação com o outro, situando no discurso a subjetividade, a individualidade, a autoria.

Ademais, a noção de autoria tem chamado a atenção de importantes estudiosos. Ela é, sem dúvidas, uma temática atravessada por múltiplos olhares. Diante disso, este trabalho analisa a noção bartheana acerca da autoria, travando diálogo com Foucault e Bakhtin. Para isso, faz-se, primeiramente, menção aos postulados de Barthes, mais precisamente a sua tese sobre *a morte do autor*; aos estudos de Foucault, tendo em vista sua pergunta *Que é um autor?*; aos escritos de Bakhtin, visando reconstituir uma concepção de autoria presente nos textos desse último. Em um segundo momento, estabelecem-se aproximações e distanciamentos importantes entre as noções apresentadas, no que diz respeito aos aspectos envolvendo a autoria.

1 A NOÇÃO DE AUTOR(IA) EM BARTHES, FOUCAULT E BAKHTIN

Sempre que se menciona a noção de autor/autoria logo são lembrados nomes como os de Roland Barthes, Michel Foucault e Mikhail Bakhtin. De fato, esses estudiosos produziram, cada um a seu modo, noções que posteriormente seriam referências na discussão sobre a autoria. Os dois primeiros escreveram sobre o assunto basicamente na mesma década: o final da década de 60, na França. Já o último trabalha a noção de autoria no conjunto de sua obra, fazendo de seus escritos, alguns datados da

segunda década do século XX, um campo fértil para pesquisa sobre tal temática.

Barthes e Foucault produziram um intenso debate sobre a noção de autor, na França do final da década de 60. Assim, é produzido, em 1968, o trabalho de Barthes, *A morte do autor*, e, em 1969, um escrito de Foucault, *O que é um autor?* Cabe dizer que Foucault também discute a noção de autor em outro de seus escritos, qual seja, *A ordem do discurso*, publicado em 1971. Esse livro apresenta a aula inaugural proferida por Foucault em 2 de dezembro de 1970, no *Collège de France*.

A noção de autor desenvolvida por Barthes nasce de uma crítica que este faz a uma concepção de autor pautada por uma visão individualista e privatista, visão essa que transforma o indivíduo criador em um gênio dono do sentido. Essa crítica é feita a postulados que consideravam o autor como produtor de um trabalho, sendo esse trabalho, portanto, uma obra, uma propriedade.

Barthes (1988) critica, portanto, a "tirania do autor". Essa "tirania" envolve o fato de que é o autor quem determina o sentido último de sua criação. É em diálogo polêmico com essa concepção vigente de autor que Barthes se posiciona. Ele decreta a morte do autor como pai, origem, produtor do texto. Segundo ele, considerar o autor como origem do texto é um mito da modernidade que se destrói no momento em que se coloca a noção *performativa de escritura*.

Fica evidente a crítica feita aos postulados literários, ao delegarem à pessoa do autor a origem do sentido de uma obra. Barthes (1988) mostra que, a partir do Renascimento e, sobretudo, do Romantismo, na Europa, passou a prevalecer uma supervalorização do ato criador do artista, do homem enquanto senhor de si, do gênio criador. Essa mentalidade entendia a pessoa do autor enquanto criador de algo absolutamente original, expressão máxima de sua singularidade. Assim, enquanto o autor é o gênio

absoluto da criação, cabe ao receptor apenas aceitar e descobrir, por meio de esforços, as intenções do autor.

Ao criticar essa concepção que valorizava a pessoa do autor, Barthes (1988) prepara o terreno para declarar que “a escritura é destruição de toda voz, de toda origem. A escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo aonde foge o nosso sujeito” (BARTHES, 1988, p.65). Barthes (1988) diz que o autor entra na sua própria morte no momento em que a escritura começa. Ele apresenta o argumento da linguística para provar a destruição do autor, pois, segundo ele, linguisticamente, o autor é apenas aquele que escreve, e a linguagem conhece apenas um sujeito, e não uma pessoa.

Além disso, para defender a morte do autor, Barthes (1988, p. 69) argumenta que o texto não é algo original, como entendido pela tradição, mas um “espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original: o texto é um tecido de citações, saídas dos mil focos da cultura”. Em outro ponto, Barthes retoma esse pensamento, ao reforçar:

Um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino, mas esse destino não pode mais ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; ele é apenas esse *alguém* que mantém reunidos em um único campo todos os traços de que é constituído o escrito. (BARTHES, 1988, p. 70)

A partir desse argumento, vemos que o autor é eliminado, dando lugar ao leitor, que passa a ser o construtor do sentido do texto. Assim, o autor em Barthes não tem nenhum controle sobre o texto. Aliás, ele deixa de ser considerado, uma vez que sua morte foi declarada. Estando o autor morto, Barthes apresenta uma solução para devolver à escritura o seu futuro. Para

ele, "é preciso inverter o mito: o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do Autor" (BARTHES, 1988, p.70).

Essa postura no tratamento dado ao autor transforma radicalmente o texto moderno, ou seja, o texto deixa de ser entendido como algo "nutrido" por um autor que o antecede como um pai a um filho para ser "escrito eternamente *aqui e agora*" (BARTHES, 1988, p.68). Retirando-se o autor e postulando o texto como um "tecido de citações", a consequência é que esse (o texto) não produz um sentido único.

A noção de autor para Michel Foucault pode ser encontrada basicamente em dois escritos: *O que é um autor?* e *A ordem do discurso*. No primeiro, originário da conferência apresentada à Sociedade Francesa de Filosofia, em 22 de fevereiro de 1969, pouco tempo depois de Barthes ter publicado *A morte do autor*, Foucault (2000, p. 06) objetiva "[...] examinar unicamente a relação do texto com o autor, a maneira com que o texto aponta para essa figura que lhe é exterior e anterior, pelo menos aparentemente".

Foucault menciona duas noções importantes que trazem à tona a questão do autor (da *função autor*, na terminologia desse estudioso). A primeira diz respeito à noção de *obra*, a qual é complexa. O que é uma obra? De quais elementos ela se compõe? Será que tudo o que um autor escreveu faz parte da obra de tal autor? O que faz determinados escritos de um autor serem considerados obra e outros desse mesmo autor como rascunhos, notas, não o serem? Essas são algumas questões que revelam as dificuldades na precisão do que seja considerada a obra de um autor.

Assim, Foucault considera insuficiente deixar o autor, o escritor e passar a estudar somente a obra em si, tendo em vista que essa é de natureza complexa. Ele ratifica: "A palavra 'obra' e a unidade que ela designa são provavelmente tão problemáticas quanto a individualidade do autor" (FOUCAULT, 2000, p. 09).

A segunda noção que coloca a problemática do autor em cena é a de *escrita*. Para Foucault (2000), tal noção preserva a existência do autor. A ideia de escrita, tal como apresentada por Foucault, enaltece os privilégios do autor, sob a vanguarda do *a priori*: "ele faz subsistir, na luz obscura da neutralização, o jogo das representações que formaram uma certa imagem do autor", afirma Foucault (2000, p. 11). A escrita fornece ao autor os instrumentos para criar representações. Ela é, portanto, palco de representações, servindo como cenário de criação de imagens.

Outro ponto pertinente mencionado por Foucault diz respeito ao *status* do *nome do autor*. Segundo ele, o nome do autor não é apenas um elemento em um discurso, mas ele exerce determinado papel discursivo. O nome do autor "assegura uma função classificatória; tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, deles excluir alguns, opô-los a outros", explica Foucault (2000, p. 13). Desse modo, sob o nome de determinado autor certos textos seriam reagrupados, classificados, relacionados entre si. Ao que tudo indica, relacionada ao nome do autor estaria a ideia de *pertencimento*, ou seja, ligados ao nome do autor estariam os textos a ele atribuídos. Foucault (2000) elenca ainda outros aspectos relacionados ao nome do autor, a saber:

Enfim, o nome do autor funciona para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, o fato de haver um nome de autor, o fato de que se possa dizer "isso foi escrito por tal pessoa", ou "tal pessoa é o autor disso", indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, uma palavra que se afasta, que flutua e passa, uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo *status*. (FOUCAULT, 2000, p. 13 grifos do autor).

Como se percebe a partir dessa citação, o nome do autor exerce uma função no discurso. Ele faz com que determinadas palavras ganhem um *status* diferenciado. O nome do autor faz com que as palavras a ele atribuídas sejam reagrupadas e recebidas de maneira diferenciada em

relação àquelas palavras que não são atribuídas a ninguém. O nome do autor, portanto, eleva o poder das palavras em um discurso, ele as afasta de outros discursos e as coloca dentro de uma ordem, de uma perspectiva, fazendo-as receber um determinado *status*.

A função autor, conforme apresentada por Foucault, está ligada ao sistema jurídico e institucional, que contém, determina, articula o universo dos discursos. No entanto, ela não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, mas tal função autor pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições do sujeito (FOUCAULT, 2000).

Além disso, a função-autor é entendida como uma das especificações possíveis da função-sujeito. Desse modo, considerando as modificações históricas ocorridas, a função-autor não permanece constante em sua forma, em sua complexidade, e mesmo em sua existência. Desse modo, cada época, cada formação discursiva parecem manifestar uma forma de função-autor.

Considerando esse aspecto característico da função-autor, Foucault conclui deixando algumas questões possíveis de serem aplicadas no estudo dessa temática. Ele se pergunta: como, segundo que condições e sob que formas alguma coisa, um sujeito pode aparecer na ordem dos discursos? Que lugar ele pode ocupar em cada tipo de discurso, que funções exercer, e obedecendo a que regras? No entender de Foucault (2000), ao estudar a função-autor, trata-se de retirar do sujeito seu papel de fundamento originário, e de analisá-lo como uma função variável e complexa do discurso.

Com isso, percebemos que a crítica à noção de autor, elaborada por Foucault (2000), insere-se na crítica mais geral à noção de sujeito, mais especificamente à função fundadora atribuída ao sujeito. Essa crítica é feita de forma explícita quanto ele declara que “o autor [...] é com certeza apenas uma das especificações possíveis da função-sujeito” (FOUCAULT, 2000, p.28).

No texto *A ordem do discurso*, Foucault discute a *função autor* como sendo um dos procedimentos de controle interno ao discurso. Assim, a discussão sobre o autor ocorre ligada à discussão sobre o discurso. O filósofo menciona procedimentos de controle e delimitação do discurso que funcionam exteriormente ao discurso e procedimentos que funcionam de forma interna ao discurso, tendo em vista que o discurso exerce seu próprio controle. São “[...] procedimentos que funcionam, sobretudo, a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição, como se se tratasse, desta vez, de submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso” (FOUCAULT, 2007, p. 21). São mencionados basicamente três procedimentos internos ao discurso: o comentário, o autor e as disciplinas. Como o objetivo deste trabalho é discutir apenas a noção de autoria, não abordaremos os demais procedimentos de rarefação do discurso mencionados, mesmo compreendendo a relação entre eles.

Nessa perspectiva, o que é, então, o autor para Foucault? Ele cuida, inicialmente, em esclarecer que o autor não é o indivíduo que escreve ou fala um texto. A noção de autor é construída a partir de três princípios: (1) como agrupamento do discurso; (2) como unidade e origem de suas significações; (3) como foco de sua coerência. No entanto, esses princípios não vogam em toda parte nem de modo constante. Isso porque existem muitos discursos que circulam sem receberem sentido ou eficácia de um autor a quem lhe seria atribuído a autoria. Existem, por outro lado, ordens de discursos em que a atribuição de um texto a um autor é uma regra como, por exemplo, literatura, filosofia, ciência.

Quanto à noção de autor em Bakhtin, um dos primeiros escritos a tratar mais detidamente dessa questão é *Estética da criação verbal*, mais precisamente o ensaio *O autor e a personagem*, escrito aproximadamente em 1924. Nesse ensaio, Bakhtin (2011) analisa a relação do autor com a personagem nas obras de Dostoiévski, Púchkin e outros. O autor é

considerado como uma instância criativa intrínseca à obra. É ele quem produz a imagem do herói. Nos termos de Bakhtin (2011):

O autor acentua cada particularidade da sua personagem, cada traço seu, cada acontecimento e cada ato de sua vida, os seus pensamentos e sentimentos, da mesma forma como na vida nós respondemos axiologicamente a cada manifestação daqueles que nos rodeiam. (BAKHTIN, 2011, p. 03).

Segundo apreendemos desse trecho, é a atividade criativa do autor que acentua todos os traços característicos da personagem da obra literária. Essa atividade criativa não é neutra, tendo em vista o fato de que é uma resposta, uma atitude axiologicamente marcada. Daí o próprio Bakhtin ter feito essa relação entre a atividade do autor na criação da personagem com o que ocorre na vida, ou seja, as respostas que damos a cada manifestação daqueles que nos rodeiam são marcadas por avaliações, juízos de valor, pontos de vista.

A atividade do autor é uma atividade estética. É a partir da vivência estética, do esforço para criar a imagem de uma personagem como um outro de si mesmo, que a instância autoral se configura. Bakhtin apresenta uma concepção de autor como sendo a consciência criadora e controladora que permite criar personagens. O autor é o ideólogo da arquitetônica, a voz mascarada, o ouvido polifônico, o interlocutor no diálogo cronotópico.

Ainda nesse ensaio, Bakhtin (2011) faz uma distinção entre o autor-criador e o autor-pessoa. O primeiro é a consciência criadora, inerente ao enunciado, aquele que dá forma ao objeto estético. O segundo é o elemento do acontecimento ético e social da vida. O autor-criador forma, juntamente com a personagem, um todo artístico da obra. Com relação à noção de autor-criador, o estudioso russo desenvolve o seguinte comentário:

O autor não é o agente da vivência espiritual, e sua reação não é um sentimento passivo nem uma percepção receptiva; ele é a única energia ativa e formadora, dada não na consciência psicologicamente agregativa mas em um produto cultural de significação estável, e sua reação ativa é dada na estrutura – que ela mesma condiciona – da visão ativa da personagem como um todo, na estrutura da sua imagem, no ritmo do aparecimento, na estrutura da entoação e na escolha dos elementos semânticos. (BAKHTIN, 2011, p. 6).

Esse excerto aponta o fato de que o autor é entendido como exercendo uma atividade sobre o objeto estético. Ele possui uma *visão ativa* e geral da personagem. O autor é a energia ativa e fundadora do objeto estético. Sua reação ativa está direcionada para todos os elementos da personagem: a estrutura de sua imagem, o ritmo do aparecimento, a estrutura da entoação e a escolha dos elementos semânticos.

O autor, nesse sentido, é o agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo da personagem e do todo da obra. Para isso, o autor age de fora da personagem, ou seja, ele é *transgrediente* a cada elemento figurativo da personagem. Um outro termo usado para designar essa característica do autor é *excedente de visão e conhecimento do autor*. Nesse caso, “[...] o autor não só enxerga e conhece tudo o que cada personagem em particular conhece e mais que elas, e ademais enxerga e conhece algo que por princípio é inacessível a elas” (BAKHTIN, 2011, p. 11). É o excedente de visão e conhecimento do autor-criador que instaura o princípio de acabamento do objeto estético.

Em um ensaio sobre Dostoiévski, que Bakhtin publicou em 1929 como *Problemas da obra (poética) de Dostoiévski (PPD)* – cerca de cinco anos depois da publicação de *O autor e a personagem*, encontram-se noções e, pode-se dizer, variações relevantes sobre a *posição estética* inicial: o autor. A relação entre autor e personagem, nesse ensaio, é apresentada a partir do dialogismo.

Tal relação apresenta uma mudança de ponto de vista porque, como visto acima, no ensaio *O autor e a personagem*, Bakhtin mostra que, em

Dostoiévski, temos uma personagem que não se autoconclui e um autor que apresenta uma face única, sendo concebido como forma de acabamento estético, uma consciência absoluta. Essa noção é, digamos, aprofundada à medida que Bakhtin mergulha na obra de Dostoiévski. Dessa feita, a personagem não é mais passiva e totalmente dependente do autor. A relação entre personagem e autor é totalmente dialógica.

Para Bakhtin (2010, p. 3), “[...] o herói tem competência ideológica e independência, é interpretado como autor de sua concepção filosófica própria e plena, e não como objeto da visão artística final do autor”. A personagem não aparece como objeto inerte, imparcial, mas de forma ativa e numa interação dinâmica com o autor. Nos termos de Bakhtin (2010), Dostoiévski não cria escravos, mas personagens livres. Essas consciências independentes se colocam lado a lado com seu criador, podendo até discordar dele e rebelar-se contra ele.

Ademais, a noção de autor em Bakhtin está também relacionada à noção de enunciado, de estilo, de discurso e de linguagem. Quando discute a questão dos gêneros discursivos e a natureza do enunciado concreto como sendo a real unidade da comunicação discursiva, Bakhtin (2011) apresenta traços importantes sobre a noção de sujeito autor. Segundo ele:

O discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam as enunciações pelo seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, elas possuem como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo *limites* absolutamente precisos. (BAKHTIN, 2011, p. 275, grifo do autor).

A noção de discurso compreende a existência de um sujeito do discurso. Os discursos, embora diferentes uns dos outros em termos de forma, volume, conteúdo, construção composicional e estilo, apresentam em comum algumas peculiaridades, entre elas, *limites* precisos. Esses limites

seriam, assim, uma ação do sujeito autor, isso porque os limites de cada enunciado concreto “são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela *alternância dos falantes*” (BAKHTIN, 2011, p. 275, grifo do autor).

Desse modo, não se concebe enunciado sem um sujeito autor, tendo em vista que são os sujeitos que instauram limites, fronteiras, emolduram os enunciados. Bakhtin (2011) usa a imagem da corrente, argumentando que cada enunciado concreto é um elo na grande cadeia da comunicação discursiva. Na condição de *elo*, o enunciado concreto precisa ter propriedades individuais – limites, acabamento, fronteiras, estilo – e, ao mesmo tempo, se relacionar com outros elos da corrente (outros enunciados). É o sujeito autor quem cria, para o enunciado, “[...] a massa firme, rigorosamente delimitada dos outros enunciados a ele vinculados” (BAKHTIN, 2011, p. 280).

Como visto, a alternância entre sujeitos é a primeira *peculiaridade constitutiva do enunciado*. O sujeito autor ainda exerce papel importante na segunda peculiaridade constitutiva do enunciado: a *conclusibilidade*. No dizer de Bakhtin (2011):

[...] a conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreveu) *tudo* o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições (BAKHTIN, 2011, p. 280).

Destacamos o fato de que o sujeito é elemento fundamental com relação ao aspecto da conclusibilidade. É ele quem instaura o efeito de acabamento, de conclusão ao enunciado. Esse efeito possibilita uma resposta, uma réplica por parte de outros sujeitos enunciadoreis.

O autor, então, ao discorrer sobre um tema – objeto de discurso –, age de forma a delimitar fronteiras e a garantir uma conclusão para esse tema. O objeto é objetivamente inexaurível, mas, ao se tornar *tema* de um enunciado, adquire uma relativa conclusibilidade por parte do autor. É o autor quem garante limites ao tema, operando recortes e delimitando

fronteiras. “Ele determina, evidentemente, também a escolha da forma do gênero na qual será construído o enunciado”, explica Bakhtin (2011, p. 281).

Esse aspecto é considerado importante porque o autor exerce uma vontade discursiva e esta se realiza antes de tudo “na escolha de um certo gênero de discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 282, grifo do autor). Tal escolha não ocorre de forma neutra, superficial, mas ocorre dentro de um campo da comunicação discursiva e são considerados os aspectos que envolvem a temática, a situação concreta da comunicação, os participantes etc. Assim, é inserido em uma situação sócio-histórico-discursiva que o autor toma um certo gênero de discurso e o povoa com sua individualidade e subjetividade.

Ao se apropriar de um gênero discursivo em determinada situação de uso da linguagem, o autor adapta e povoa esse gênero com sua intenção discursiva, sua individualidade e subjetividade. Com isso, sua individualidade e subjetividade passam a constituir uma determinada forma de gênero. Esse entendimento é corroborado por Bakhtin, como se lê no fragmento seguinte:

A escolha dos meios linguísticos e dos gêneros de discurso é determinada, antes de tudo, pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido. É o primeiro momento do enunciado que determina as suas peculiaridades estilístico-composicionais. (BAKHTIN, 2011, p. 289).

O autor opera uma atividade de escolha de elementos linguísticos. Isso implica dizer que ele se apropria dos recursos da língua, das formas do gênero de discurso e age comunicativamente em diálogo com outros sujeitos. Bakhtin (2011) entende esse trabalho do sujeito autor como sendo uma *tarefa do sujeito do discurso* centrada no objeto do discurso.

Segundo ele, ainda, um outro elemento que determina a composição e o estilo do enunciado é a *expressividade*. Esse elemento, assim como os demais, também aponta para um trabalho do sujeito autor do enunciado. A expressividade diz respeito ao componente subjetivo, emocional e valorativo do falante em relação ao conteúdo do objeto e do sentido do enunciado.

Essa relação do autor com o objeto de discurso, conseqüentemente, determinará a escolha dos elementos linguísticos e composicionais do enunciado.

Tecidas essas considerações conceituais da noção de autoria nos três autores estudados, passa-se agora a observar em que aspectos o pensamento de cada um deles apresenta convergências e divergências em relação a esse conceito.

2 BARTHES, FOUCAULT E BAKHTIN: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS SOBRE A NOÇÃO DE AUTOR(IA)

Ao traçar aproximações e distanciamentos entre as concepções de autoria apresentadas, é pertinente situá-las em seus objetivos primeiros. Desse modo, percebe-se que a crítica elaborada por Barthes visa a objetivos diferentes dos de Foucault e Bakhtin, tendo em vista que, conforme se depreende, Barthes tem em mira a noção de autor dentro na perspectiva dos estudos literários, já Foucault discute sobre o discurso e o sujeito e Bakhtin aborda a autoria no âmbito da discussão dos enunciados concretos. Por outro lado, não podemos reduzir a crítica de Barthes a apenas os estudos literários, ou seja, é possível perceber que tal crítica alcança uma maior amplitude.

O fato de Barthes declarar a morte do autor, evidentemente, coloca-o numa posição diferente da de Bakhtin. Barthes atribui importância à escrita e ao leitor, no processo de construção de sentidos. O ponto em que a diferença é mais evidente é quanto ao entendimento bakhtiniano de que a consciência se materializa na linguagem, estando esta sob o comando do sujeito autor que tem autoridade e é responsável pela ação discursiva. Barthes (1988, p. 66), ao contrário disso, postula que "é a linguagem que fala, não é o autor".

Numa perspectiva bakhtiniana, o homem é responsável por sua palavra e ela envolve sempre uma valoração social. Outro ponto divergente é que, para Bakhtin, é a voz autoral que expressa uma consciência; mas, para Barthes, é uma *escritura*, a qual, ele a chamou de “esse neutro, esse compósito, esse oblíquo para onde foge o nosso sujeito, o preto-e-branco aonde vem perder-se toda a identidade, a começar precisamente pela do corpo que escreve” (BARTHES, 1988, p. 65).

Em Bakhtin, por sua vez, encontramos um certo equilíbrio. Sobre o ato do sujeito autor por meio dos recursos linguísticos, Bakhtin (2011, p. 306) explica da seguinte maneira: “A escolha de *todos* os recursos linguísticos é feita pelo falante sob maior ou menor influência do destinatário e da sua resposta antecipada.” Fica evidente tanto a ação do sujeito autor, que faz a escolha dos recursos linguísticos, configurando, desse modo, a autoria enunciativa, quanto a influência do outro, do destinatário no processo de escolha desses recursos. Nesse caso, o texto nasce a partir do diálogo do sujeito autor com o outro sempre presente no momento da escrita.

Outro aspecto relevante a se observar é que Bakhtin (2011) delega um espaço importante ao *outro* ao longo de seus escritos. As atitudes responsivas levam em conta o outro discurso. Assim, toda estrutura linguístico-enunciativo-discursiva de um enunciado é construída a partir da imagem que o sujeito autor tem desse outro. “O papel dos *outros*, para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande”, diz Bakhtin (2011, p. 301). Esse aspecto se faz presente de forma mais radical na perspectiva bartheana já que, para Barthes, o nascimento do leitor resulta na morte do autor, ou seja, o leitor figura como construtor do sentido do texto. Nesse caso, o autor não tem mais domínio sobre o texto. Consequentemente, a relação entre leitor e autor, em Barthes, é marcada pela soberania do primeiro sobre o segundo. Já em Bakhtin, essa relação tende a eliminar qualquer hierarquia, encontrando no dialogismo um princípio de equidade.

Por outro lado, não se pode deixar de apontar a significativa aproximação entre Barthes e Bakhtin no que diz respeito à construção do texto a partir do diálogo com outros textos. Conforme Barthes, um texto é constituído de outros textos que entram em paródia, em contestação. De forma semelhante, Bakhtin mostra que o enunciado é perpassado por outros discursos que o constituem.

Ademais, a importância dada ao outro é fator de aproximação entre Barthes e Bakhtin. Barthes recorre ao leitor (ao outro, exterior ou eu-sujeito) para argumentar em favor da morte do autor, enquanto origem do sentido do texto. Assim, o autor dá lugar ao leitor, passando esse último a ser o construtor do sentido do texto. A consequência disso é que nessa perspectiva o autor não tem nenhum controle sobre o sentido do texto.

Bakhtin, por sua vez, coloca o outro em cena, mas ressaltando sua relação constitutiva com o autor do discurso. O outro entra como elemento constitutivo do enunciado, mas não mata o autor do discurso. Em Bakhtin, o autor de um discurso é construído na relação dialógica com o outro. Ambos – Barthes e Bakhtin – delegam papel importante ao outro, ao leitor, mas enquanto o primeiro coloca o leitor promovendo a morte do autor, o segundo coloca o outro numa relação viva com o autor.

Entre Foucault e Bakhtin algumas aproximações são possíveis. Para Foucault, assim como para Bakhtin, o sujeito se constitui sempre numa relação tensa com o outro. Para Bakhtin, o outro é questão fundamental na constituição do sujeito autor. Ademais, tanto para Foucault quanto para Bakhtin, o sujeito é um sujeito de linguagem, de discurso, ou seja, não é o ser físico, escritor, mas uma instância *no discurso/linguagem*.

No entanto, esses estudiosos se distanciam em outros pontos, a saber, para Foucault, apenas alguns discursos possuem a função autor, enquanto para Bakhtin todo enunciado concreto é produzido por uma posição axiológica, por um autor. Numa concepção foucaultiana, considerando a complexidade envolvendo a noção de autor, nem tudo que é dito é um

enunciado e, assim, nem tudo que circula socialmente possui a função-autor.

Cabe esclarecer que a *função-autor* apresentada por Foucault (2007) não implica negar a existência do indivíduo humano que escreve ou fala. Foucault (2007) deixa claro que “seria absurdo negar, é claro, a existência do indivíduo que escreve e inventa” (p. 28). No entanto, ele entende que o indivíduo que se põe a escrever retoma por sua conta a *função-autor*. A função-autor, cabe dizer, implica um jogo de diferenças prescritas por um indivíduo, ou seja, o que ele escreve e o que não escreve, o que ele elabora, esboça e o que deixa de fora.

Numa concepção foucaultiana, o nome do autor não está localizado no estado civil dos homens ou na ficção da obra. Foucault (2000, p.14) deixa claro que o nome do autor está “na ruptura que instaura um certo grupo de discursos e seu modo singular de ser”. Isso, conseqüentemente, implica dizer que há “um certo número de discursos que são providos da função autor, enquanto outros são dela desprovidos” (FOUCAULT, 2000, p. 15).

O autor bakhtiniano é um autor de linguagem e não um sujeito empírico. Ser autor implica assumir posições em constante negociação com o outro. Essa relação, conseqüentemente, produz diferentes modalidades de organização dos textos. Desse modo, assumir posições axiológicas; organizar a estrutura do enunciado, a partir da relação com os outros participantes; selecionar palavras e avaliar o herói são algumas das características do autor. Tomar a noção de autor/autoria como objeto de análise, portanto, implica considerar tais aspectos, sendo que esses se manifestam no discurso.

A questão da morte do autor é mencionada por Barthes e Foucault, marcando um elemento de aproximação entre os dois estudiosos. Para desenvolver a temática da autoria, Foucault toma emprestado um questionamento elaborado por Beckett: “Que importa quem fala, alguém disse que importa quem fala.” Foucault salienta o fato de que a escrita, hoje, está ligada ao sacrifício da própria vida do escritor. Ele mostra como o autor

tenta apagar/anular seus caracteres individuais do texto. Nesse sentido, Foucault entende que uma das marcas do escritor é a *singularidade da sua ausência*. Quanto à escrita, ele ressalta que “não se trata da amarração de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer” (FOUCAULT, 2000, p. 07). Assim, uma relação entre a escrita e a morte se manifesta no ato de o próprio sujeito apagar todas as pistas de sua individualidade particular. Esse sujeito faz o *papel do morto no jogo da escrita*.

De forma semelhante, encontra-se em Barthes (1988) a relação de morte entre o autor e o texto. Conforme esse estudioso, a escritura é destruição de toda voz, de toda origem. Ele mostra, ainda, que a escritura é *aonde foge o nosso sujeito* (BARTHES, 1988). Barthes (1988), portanto, é enfático ao argumentar que o autor entra na sua própria morte no momento em que a escritura começa.

CONCLUSÃO

Este trabalho pretendeu estabelecer um diálogo entre Barthes, Foucault e Bakhtin sobre a noção de autor/autoria, enfatizando os distanciamentos e as aproximações conceituais acerca dessa temática. Para isso, revisitaram-se alguns escritos desses estudiosos, visando percorrer discussões referentes à temática e, a partir disso, estabelecer-se o diálogo.

A investigação mostrou aproximações significativas entre Barthes, Foucault e Bakhtin. No entanto, distanciamentos também foram notados. Esses estudiosos, cada um a seu modo, trazem contribuições importantes para os estudos linguísticos e literários no que diz respeito à noção de autor/autoria, escrita, construção de sentido, alteridade, dialogismo. Em Barthes, por exemplo, encontra-se o papel importante do sujeito leitor na construção dos sentidos do texto, ou seja, o texto não tem um sentido

pronto, dado pelo autor, mas é construído pelo leitor em dadas circunstâncias.

Em Bakhtin, de forma semelhante, encontra-se o primado do dialógico sobre o monológico. Com isso, a leitura e a compreensão de texto ganham um cenário heterogêneo, polifônico em que a construção de sentidos ocorre. Afastando-se de Barthes, Bakhtin coloca o sujeito autor numa posição de organizador, gerenciador de vozes que atravessam seu discurso. O sujeito autor e o sujeito leitor, pode-se dizer, são apresentados a partir do princípio do dialogismo. Isso não significa soberania de um sobre o outro, mas também não significa a morte de um em favor do outro.

Já a noção operacional de *função autor* apresentada por Foucault permite investigar as diversas posições que o sujeito pode ocupar nas diversas manifestações discursivas. Assim como em Bakhtin a noção de autor está ligada à noção de enunciado, em Foucault, a *função autor* sempre está ligada ao discurso, ao poder, à subjetividade.

Diante das discussões empreendidas, embora não se tenham esgotado todas as possibilidades de análise, espera-se contribuir com os estudos que investigam os escritos dos três estudiosos – Barthes, Bakhtin e Foucault –, mais precisamente no que diz respeito à noção de autor(ia). Além disso, o diálogo estabelecido entre eles, sem dúvida, evidencia as muitas nuances da noção de autor(ia), bem como sua importância para se compreender o funcionamento das diversas manifestações da linguagem.

BARTHES, FOUCAULT AND BAKHTIN: THE NOTION OF AUTHOR(SHIP)

Abstract: This paper examines the notion of author(ship) in Barthes, Foucault and Bakhtin. To do this, we analyse of the main writings of these researchers in order to establish similarities and differences about this subject. Barthes declares the author's death, a fact that puts him in a different position from Bakhtin. But these author's conception are not totally different, for example, in the importance given to the other, the reader in the construction of the meaning of the text; both understand the construction of the text from the dialogue with other texts. Barthes and Foucault have the same idea on the notion of death. For Barthes, the birth of the reader must pay with the death

of the author. Foucault, on the other hand, shows that one subject plays the role of the dead in the writing game. The dialogue between Barthes, Bakhtin and Foucault highlights the nuances of author(ship) as well as its importance in understanding the various manifestations of language.

Keywords: Barthes, Foucault and Bakhtin. Author(ship). Similarities and differences. Dialogue.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. A morte do autor. In: *O rumor da língua*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 65-70.

BAKHTIN, Mikhail M. *Problema da poética de Dostoiévski*. 5.ed. Tradução direta do russo de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 341.

_____. *Estética da Criação Verbal*. 6 ed. Tradução do russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011. P. 476

FOUCAULT, M. *O que é um autor?* 4.ed. Tradução portuguesa de Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega, 2000.

_____. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2007.